

Virtudes da colonização do Brasil.

(Versão abreviada. Abril de 2017)

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

Circulam, no Brasil, preconceitos depreciativos da colonização do Brasil:

“evidentemente” no Brasil há mazelas, como corrupção, pobreza, ignorância, por culpa da herança colonial;

é “lamentável” haverem os batavos deixado o nordeste brasileiro que, “é claro”, seria desenvolvido se eles nele houvessem persistido.

São “óbvias” as virtudes da colonização inglesa: prova delas são a superioridade dos EUA, em comparação com o Brasil.

Disse preconceito porque as pessoas mantêm estas convicções, como se fossem verídicas e repetem-nas sem o seu exame. Trata-se de pseudo-verdades, de mentiras que se transformam em verdades de senso comum, à custa da sua reiteração.

Uma mentira mil vezes repetida, torna-se em verdade. Examinada, muitas vezes, desmente-se: é o caso, em relação à colonização do Brasil, em que há mitos por desfazer e verdades que proclamar, em dois sentidos:

1- em sentido positivo, a colonização do Brasil foi-lhe favorável, em comparação com a colonização inglesa nos EUA e com a presença holandesa no nordeste brasileiro. Portugal não apenas descobriu o Brasil – Portugal construiu o Brasil,

2- em sentido negativo, a colonização inglesa nos EUA foi desleixada, ineficiente e não deixou, como herança cultural, o que são hoje os EUA. A presença holandesa no nordeste brasileiro foi opressora e violenta e degradou o estado de coisas criado pelos portugueses.

O Brasil provavelmente não estaria melhor se fora produto dos ingleses ou dos holandeses.

Edson Nery da Fonseca observa: *Pertenço a uma geração que aprendeu nas escolas duas lendas apresentadas como históricas: a do descobrimento do Brasil por um acaso e a do mal que teria representado para nós a colonização portuguesa, simplisticamente comparada a colonizações de outras origens. São duas lendas inspiradas por um só sentimento: o de lusofobia. E baseadas numa hipótese que está longe de ser provada: a do atraso científico de Portugal.* (Edson Nery da Fonseca. Uma cultura sempre ameaçada, in *Uma cultura ameaçada*, Gilberto Freyre, É realizações, 2010, p. 91).

Colonização por bandidos.

O Brasil não foi colonizado principalmente por degredados nem por bandidos.

Oliveira Lima, ("O movimento da independência"): "A COLONIZAÇÃO BRASILEIRA LEVADA A CABO POR DEGREDADOS É UMA LENDA JÁ DESFEITA. Nem ser degredado equivalia então forçosamente a ser

criminoso, no sentido das idéias modernas. Punia-se com a deportação delitos não infamantes e até simples ofensas cometidas por gente boa.

Manoel Bomfim: *A proposito do valor effectivo dos primeiros colonos [...] há um preconceito que merece atenção, e deve ser rectificado: que eram gentes de má qualidade, degredados, condemnados... Em primeiro lugar, restabeleça-se a verdade: essa cópia [grande quantidade] de degredados é pura lenda; vinham para cá alguns desses desgraçados, mas em numero muito inferior ao que se admite geralmente. (O Brazil na America, livraria Francisco Alves, 1929, p. 79).*

Este mito origina-se, aparentemente, de 4 fontes:

- 1- Interpretação errada de carta do governador do Brasil, Diogo Botelho, de meados do séc. 16, em que pede a el-rei que não lhe mande mais degredados.
- 2- Leitura errônea do documentário da expedição de Tomé de Souza, de 1549, em que se leu 400 degredados, em 600 homens. A leitura correta é de 40 homens.
- 3- O alvará de homízio de 1585, em que ficavam isentos de pena os criminosos que emigrassem. Embora baixado o alvará, não se demonstrou que de fato houvessem vindo criminosos.
- 4- A leitura da parte penal das Ordenações Filipinas (código de leis, de 1603), em que se previa degredo para o Brasil, para inúmeros crimes que, aliás, hoje não o são mais e parecem-nos de somenos, como sacar de arma em procissão, mulher fingir parto, falsificação de autógrafo, acrescentar fermento em pão, derrubar árvores frutíferas, tirar freira de convento, resistir a oficial de justiça.

A existência de previsão de degredo para o Brasil não implica, necessariamente, que esta pena se applicasse nem que viessem somente ou majoritariamente condenados.

Vieram alguns degredados, em número reduzido e nunca o suficiente para formar o etos das populações residentes. Em meio a alguns deles, havia todo o restante da população de bem.

Demais, applicava-se a lei: havia ouvidor-geral (“ministro” da Justiça) e nas vilas, havia câmara e cadeia, que se edificavam em geral no mesmo prédio, ou seja, puniam-se os criminosos. Aqui não era terra de impunidade nem de bandidagem.

Punia-se com degredo gente de qualidade, como Camões, degredado em Goa; Bocage, degredado na India.

Ainda que hajam vindo degredados, a proporção entre eles e os imigrantes inocentes, que vieram aos milhares, não justifica a generalização de que o Brasil foi colonizado por degredados.

Por outro lado, a Austrália, colônia inglesa, foi depósito de ladrões e de criminosos.

Nicolau de Villegagnon, mentor da colônia francesa, no Rio de Janeiro, declarou, em 1557 que: *Os (colonos franceses) que ficaram não passavam de pobres diabos mercenários e doentes e suas condições eram tais que antes devia eu temê-los.*

Villegagnon obteve colonos voluntários em número aquém do que pretendia, motivo porque ponderou ao rei francês que enviasse para o Rio de Janeiro os criminosos das prisões de Paris, Ruão e outras cidades; com autorização régia, Villegagnon arrecadou, para trazer ao Brasil, os condenados à morte de Paris.

Carlos Lisboa Mendonça: *o Brasil foi colonizado por material humano de boa qualidade; o melhor que naquela época existia em Portugal. Os líderes eram homens que já haviam demonstrado seu valor na Índia e pertenciam à camada mais representativa da vida política e social portuguesa [...]. Os colonos eram pessoas cuidadosamente escolhidas, com quem os Capitães pudessem contar nos momentos de dificuldade [...]. (500 anos do descobrimento).*

O ouro do Brasil.

Do ouro, prata e diamantes prospectado em solo brasileiro, a totalidade pertencia à coroa, ao Estado, que abandonava 80% ao pesquisador e cobrava-lhe 20%, os quintos reais.

Os pesquisadores sonegaram 2/3, ou seja, 14%; entregaram, de fato, 7%. Portugal recebeu 7% do ouro do Brasil, de que metade apenas ingressou em Portugal; a outra metade foi embolsada pela Inglaterra.

Portugal embolsou, de fato, 3,5% do ouro do Brasil, que não lhe pertencia, e sim a Portugal, pois o Brasil era território português, ultramarino, era Portugal, e não país independente.

Atendendo a reivindicações populares, em 1730, o rei baixou, temporariamente, os 20%, para 12%.

Para mais da cobrança dos quintos, havia impostos. Para ater-me a Minas Gerais, de 1700 a 1800, nenhum imposto foi cobrado sem prévia discussão e aceitação das câmaras.

No mesmo período, na França, o Estado embolsava 50% da renda do burguês, do operário e do camponês; apesar do volume do embolso, a coroa portuguesa aplicava no Brasil mais do que a coroa francesa aplicava no seu próprio território.

Caráter pacífico.

A colonização foi essencialmente pacífica, sem carnificinas de povos autóctones comparáveis com as que houve na América espanhola, com a destruição de incas e astecas no México e no Peru, sem a mortandade praticada pelos norte-americanos.

Houve batalhas de portugueses e tupiniquins contra a tribo inimiga dos tupinambás e conflitos esporádicos, com morte de indígenas inimigos dos portugueses e violentos; porém, na sua generalidade, a coroa portuguesa, por influência jesuítica, e por medidas legais, assegurava a liberdade dos índios e os protegia.

Admitia-se a escravização dos índios aprisionados em guerra justa, guerra ofensiva do índio contra o branco; dos índios destinados por outras tribos a serem devorados.

Ao longo dos séculos coloniais, a coroa foi insistente em emitir ordens régias asseguradoras da liberdade dos índios, que não podiam ser escravizados, e dos seus “direitos” a viverem sem serem molestados, ao ponto em que, em 1711, el-rei declarou que “o verdadeiro dono da terra é o índio”.

A diminuição das populações autóctones deveu-se à sua incorporação à sociedade branca e à miscigenação. Muitos índios deslocavam-se das suas tribos, passavam a residir nas vilas e adotavam nomes portugueses.

Não foram exterminados; foram incorporados ao meio luso-brasileiro.

Eduardo Bueno repete lugares-comuns preconceituosos, relativos à colonização do Brasil: em *Capitães do Brasil*, afirma que *o massacre dos indígenas* (e não só) *incorporou-se à história do Brasil após o desembarque dos donatários*.

Manoel Bomfim (*O Brasil na América*): *os colonos portugueses não exterminaram os indígenas [...] si estes desapareceram é que logo foram absorvidos na sociedade colonial*.

Origem do mito: os jesuítas que concorreram muito para o preconceito corrente – de que o gentio, além de cruelmente perseguido, foi deshumanamente exterminado (idem, p. 163).

Leandro Narloch (*Guia politicamente incorreto da história do Brasil*) concorda com afirmação de Manoel Bomfim: os índios integraram-se na sociedade colonial, entranharam-se nas vilas e cidades luso-brasileiras, adotaram nomes e sobrenomes portugueses.

Ferozes e violentas, as tribos guerreavam-se entre si e se entre-destruíam; tupinambás e tupiniquins eram inimigos mútuos e reputavam o homicídio do oponente meritório e condição para a obtenção de vida póstuma.

Também matavam os brancos, aspecto no qual a violência letal dos índios contra eles existiu e foi determinante no malogro de alguns capitães-donatários.

Sílvio Romero : *Este povo [português] que não exterminou o indígena encontrado por ele nesta terra, e ao qual se associou, ensinando-lhe a sua civilização [...]* (*O Elemento Português no Brasil*, livraria Chardon, Porto, 1904).

Carlos Lisboa Mendonça: [...] *está errado dizermos que na época do Descobrimento existiam milhões de índios e nos nossos dias existem apenas poucos milhares, pois os outros foram dizimados. O que aconteceu, na realidade, foi que eles na maior quantidade foram absorvidos pela civilização, através do cruzamento racial e do cruzamento cultural. (500 anos do descobrimento, editora Destaque, 1999, p. 300).*

Em 1564, introduziu-se o regimento-geral dos índios, legislação trabalhista voltada aos índios: o índio não poderia ser escravizado, trabalharia mediante pagamento igual ao que os brancos recebiam, com um dia de folga; se o branco não lhe pagasse, ele poderia recusar-se a prosseguir o trabalho.

Havia o procurador-geral dos índios, funcionário régio encarregado de zelar pelo cumprimento do regimento.

Criação de riqueza.

Eduardo Bueno: *Não restam dúvidas de que, desde o momento de seu desembarque, tanto os donatários quanto seus colonos visavam ao lucro imediato. O principal - e quase único- objetivo da maioria era [o de] enriquecer o mais rápida e facilmente possível e retornar para Portugal. Nesse sentido, os homens que os donatários trouxeram para ocupar suas terras não eram “colonos” no sentido literal da palavra: eram conquistadores dispostos a saquear as riquezas da terra – especialmente as minerais. (Capitães do Brasil, p. 13).*

Gilberto Freyre: *No Brasil, os portugueses substituíram a exploração da riqueza local pela criação de riqueza no local. (apud A Colonização Portuguesa no Brasil, p. 84).*

Os ciclos econômicos da cana de açúcar, do gado, a agricultura, a ourivesaria; os ofícios (ourives, sapateiro, ferreiro, marceneiro, silheiro), a construção civil, a pintura de afrescos em igrejas, são sinais de atividade econômica, ou seja, de produção e de circulação de riqueza.

Quanto à alegação de que o intuito dos portugueses era o de vir, enriquecer e voltar, José Verdasca e Antonio Netto Guerreiro, a propósito (*A Colonização Portuguesa no Brasil*, p. 27):

Que falsidade !!!

*Afirmção completamente destituída de fundamento, contrária da realidade, ofensiva e irresponsável, feita por ignorância ou talvez má fé, ela não revela ao leitor que o “proprietário dos engenhos” era o Capitão Donatário (ou um ilustre rico-homem com fortuna e provas dadas) que, escolhido entre os mais ricos nobres portugueses, se desfazia de sua avultada fortuna para, em Portugal, embarcar para o Brasil, em naus fretadas e ou adquiridas, materiais e colonos, que desbravassem o sertão, plantassem as mudas de cana, edificassem e implantassem casas e engenhos, e criassem todas as condições necessárias e suficientes ao fabrico e transporte da cana e do açúcar, ou seja, primeiro havia que **criar a riqueza no local**, mediante vultuosos investimentos, grandes riscos e sobre-humanos sacrifícios. Por aqui vemos que apenas homens ricos, tinham condições de trazer para o Brasil pessoas e bens, mudas e animais, desmatar a selva e plantar as mudas de cana, implantar os engenhos e produzir o açúcar, investindo muito para, passados dois a três anos, poder auferir os rendimentos do capital e do trabalho”. (idem).*

Koebel: “A certos aspectos, talvez, nenhuma nação haja colonizado com tanto entusiasmo como Portugal. Uma vez estabelecidos no paiz, os seus pioneiros nunca encaravam a nova conquista como um lugar para residencia transitoria” (apud Manoel Bomfim, *O Brazil na America*, 1929, p. 406).

Bomfim: [...] os colonos portuguezes iniciaram uma sociedade estavel, agricola, vinculada ao sólo, orientada immediatamente a fazer do paiz uma patria [...] (idem, p. 407).

Gilberto Freyre: “O português foi por toda a parte, mas sobretudo no Brasil, esplendidamente criador nos seus esforços de colonização”. (*O mundo que o português criou*).

Rocha Pombo: *Os espanhóis, como os portugueses, com todos os seus defeitos, souberam preparar as suas vastas colônias para a vida nacional*". (p. 392).

Adaptabilidade do português.

De todos os povos colonizadores europeus, o português era o único que se adaptava aos diversos lugares e clima; ele se integrava ao meio, diferentemente do inglês, que se mantinha afastado das populações autóctones e insulado.

Enquanto o inglês reproduzia, nas suas colônias, a Inglaterra em ponto pequeno e não se entrosava com a gente das colonias, os portugueses faziam ao contrário disto: associavam-se aos da terra e formavam comunhão humana e cultural.

No horizonte humano do português cabiam todos os povos, costumes, formas de ser e de estar. O português era essencialmente aberto e receptivo; não discriminava.

Pereira Barreto: *Lá onde nenhuma outra raça medra, o português prospera*. (Obras filosóficas, vol. IV).

Eduardo Prado: *a civilização que Portugal fez no Brasil é a que tem tido mais completo, largo e perdurável sucesso; só Portugal e Espanha conseguiram criar nacionalidades [nos trópicos] , esforço gigantesco, feito admirável.*

O holandês ... não pode criar pátrias nas praias dos mares tropicais.

Nos trópicos, a raça anglo-saxônica tem formado colônias de exploração mercantil, mas não nações. (Obras filosóficas de Pereira Barreto, vol. IV).

Mestiçagem.

Alguns consideram maléfica a miscigenação, como fator de degradação intelectual do povo, sentido em que seria fator de inferioridade a existência de mulatos e mamelucos, produtos do cruzamento do português com o negro e com o índio.

As colonizações inglesa, holandesa, belga, francesa, na África, assentavam-se no conceito da superioridade racial do europeu branco sobre os pretos africanos, o que levou, como extremos, a segregação institucionalizada na África do Sul e ao racismo feroz dos ingleses e dos seus descendentes nos E.U.A.

No Brasil, jamais houve legislação segregadora dos pretos em relação aos brancos; não houve racismo odioso, com enforcamentos e linchamentos de pretos até os anos 1920, nem instituições como a Ku Klux Klan.

Ao contrário, o português não discriminava por cor nem por etnia, o que, segundo Gilberto Freyre, *atenuou as durezas da escravidão e aproximou os homens brancos das mulheres nativas, entrosamento mais humano do que a separação de raças ou de cores.*

No Brasil, vigia a tradição henriquina: os primeiros escravos negros que adentraram Portugal, em meados do século 15, foram adquiridos pela família real e pela alta aristocracia. O infante dom Henrique acolheu-os, acarinhou-os e deu o exemplo de que escravo é gente e se trata bem.

Disto originou-se o etos presente no meio luso-brasileiro, de que se deve tratar bem o escravo. Os viajantes estrangeiros que observaram o Brasil colonial coincidem em que aqui os escravos eram mais bem tratados do que nas colônias de outros países.

Ainda que no Brasil haja algum preconceito contra negros, a observação da história é a de que ele foi muito mitigado em relação ao que teria existido se o Brasil fora colonizado por ingleses ou holandeses.

Augusto de Lima Júnior, sobre Minas Gerais: *Outra superioridade do espírito português, na vida colonial em Minas, é a ausência absoluta de preconceito de cor ou de origem servil, que só mais tarde começou a se esboçar, introduzido por outros estrangeiros. O escravo forro passava a gozar em toda a plenitude dos mesmos direitos de seus antigos senhores e emparelhava com ele, nos negócios, na opulência e até na vida social* (Visões do Passado, p. 20, 21).

Qualidade dos governantes.

Augusto de Lima Júnior afirma a *indiscutível cultura e elevação moral dos homens que Portugal mandava para administrar as capitanias brasileiras... eram figuras de escol, homens ilustres por suas condutas, suas inteligências e seus serviços na paz e na guerra; escolhidos com alto critério.*

Vida cultural.

Acusa-se Portugal de haver impedido o desenvolvimento cultural do Brasil pela proibição de haver imprensa aqui. Por outro lado, era constante a importação de livros impressos em Portugal e não só. Havia livrarias nas cidades e no Rio de Janeiro circulava enorme quantidade de livros franceses.

O motivo de proibir-se a imprensa no Brasil talvez tenha sido não o desejo de manter o Brasil na ignorância, porém o de exportarem-se livros para cá, a partir de Portugal.

Em Minas Gerais, notadamente em Vila Rica, Diamantina e Tiradentes, havia grande valorização de música erudita, com cantores, autores, intérpretes, instrumentistas, coros e orquestras, que atuaram com exuberância no séc. 18. Em Vila Rica, chegou a haver 250 músicos, ao passo que nas colônias inglesas inexistia qualquer desenvolvimento artístico.

Comparações.

É usual cotejar-se a colonização portuguesa com a inglesa e com a presença holandesa no Brasil, como se ingleses e holandeses houvessem sido preferíveis aos portugueses.

O que são as guianas inglesa, francesa e holandesa, Haiti ? Países atrasados que sempre o foram. O que é a Índia, após 300 anos de ocupação inglesa? Um dos mais pobres países do mundo. O que foi a África do Sul por décadas? Por anos a fio, o país da segregação de raças, ao inverso do Brasil, terra da aceitação do preto e do silvícola pelo branco.

Sobre os **holandeses**: Rocha Pombo, vol. I (edição Jackson): "*Enquanto portugueses e espanhóis, donos das terras, cuidavam de colonizá-las, os holandeses nada mais queriam do que auferir os proveitos imediatos do tráfico*" (p. 281).

"Entre os flamengos, principalmente da capital (Recife), a corrupção era medonha." (p. 375).

Julga os holandeses: deixaram o trabalho em favor do negócio, do jogo, da aventura (p. 394); não eram conquistadores, mas corsários (p. 395); fora da Holanda, o povo holandês não teve "*outro papel senão o de opressor e parasita*" (p. 395).

"O flamengo que entrou em Pernambuco tinha as paixões dominantes - do amor imoderado da riqueza, do preconceito religioso, da aversão à Espanha, de uma crueldade de bárbaro, de um obstinado desdém por todo o direito que se não impunha pela força". (p. 395).

"A sua gula monstruosa de ouro, a ferocidade com que por dinheiro sacrificava tudo, não tinham limites". (p. 395); *eram "essencialmente incapazes de colonizar"* (p. 397).

"A sua função histórica, fora da Holanda, é, pois, insignificante, e na América foi, e nem podia ter deixado de ser, completamente nula". (p. 400).

Gilberto Freyre: se perdurasse a presença holandesa, o nordeste seria, talvez mais rico, porém com mais desigualdades sociais, pobreza acentuada da parte dos negros, índios, lusos-brasileiros; riqueza acentuada da parte dos holandeses e judeus;

segregação racial: holandeses de um lado; os demais de outro,

Os holandeses invadiram o nordeste brasileiro:

por ser a porção mais rica e próspera do Brasil,

não vieram trazer riqueza, porém pilhar a que os luso-brasileiros haviam trazido,

não vieram com povo e Estado, porém com uma companhia mercantil,

não vieram criar civilização, porém exclusivamente parasitar a civilização criada pelos luso-brasileiros.

O Conde de Nassau veio como diretor da Companhia das Índias Ocidentais, encarregado, como tal, de produzir tanto lucro quanto possível. Encomendou a Gaspar Barléu livro encomiástico da sua atuação (*Memórias dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*), cuja leitura originou o mito da superioridade holandesa, como se o conde e a sua atuação fossem representativos dos homens e dos métodos holandeses quando, em verdade, o conde Maurício constituiu exceção a ambos, pelo que a sua atuação não pode ser tomada como estalão da presença holandesa no Brasil, bastantemente denunciada, também, por Mário Neme em *Fórmulas políticas do Brasil holandês*.

A propósito dos **ingleses**, Carlos de Mendonça: [...] *além dos Estados Unidos, inúmeras outras terras espalhadas pelo mundo foram colonizadas pela Inglaterra, sem que os seus povos tivessem experimentado o menor progresso. [...] Eles conservaram as populações de suas colônias sob grande opressão política, exploração econômica e obscurantismo cultural.* (Idem, p. 196): Índia, Uganda, guiana inglesa.

Os emigrantes do navio Mayflower (segundo grupo de colonos ingleses que se radicaram nos atuais E.U.A., em 1621), “eram homens de difícil relacionamento, pelas suas intransigências religiosas”, “desterrados, perseguidos, recalcados, que pouco tinham de colonos”; Plymouth, vila por eles fundada, vegetou “até desaparecer”.

Colonização inglesa

Os EUA independentes em 1776.

André Maurois (História dos Estados Unidos): “*por volta de 1770, nas colônias inglesas eram raras as cidades e somente cinco delas tinham mais de 8 mil habitantes. As fábricas eram raras e modestas, porque a Inglaterra procurava desanimar a sua criação. Para os ingleses, as colônias não passavam de empresas lucrativas.*” As atividades industriais eram proibidas.

Pela mesma época, Salvador e Rio de Janeiro contavam, cada qual com cem mil habitantes; Olinda, Belém, Goiânia, Vila Rica, São Luís, Vitória, Cuiabá eram mais populosas do que as cidades norte-americanas.

Carlos Mendonça: “Do período colonial norte-americano, são praticamente nulos os vestígios deixados pelos ingleses: tudo era frágil, provisório, pobre, demonstrando muito espírito de exploração econômica e pouca intenção de beneficiar as colônias. Tudo quanto os colonos construíram desapareceu.”

Por outro lado, quando o Brasil independeu, havia dezenas de cidades populosas, em que, se havia pobreza, também havia classes abastadas, em São Paulo, Rio, Minas, Pernambuco, de que algumas são Patrimônio Cultural da Humanidade, como Ouro Preto, Parati, Diamantina.

Nas colônias inglesas, negligenciou-se a produção de riqueza. Os colonos viviam em pobreza; tudo quanto edificaram, por ser de qualidade inferior, desapareceu. Daí a inexistência de cidades norte-americanas de 200 ou 300 anos, diferentemente do Brasil, em que as vilas coloniais eram feitas de construções sólidas e de boa qualidade.

Com as vilas brasileiras, desenvolveram-se as atividades de construção civil, de marcenaria, de silharia, escultura, entalhe, pintura, fabricação de tijolos, que resultaram em atividade econômica incessante e de que são testemunhos as cidades históricas de Minas Gerais e não só.

Todas as cidades e povoados do interior dos E.U.A. surgiram no século 19, após o término do período colonial, ao passo que, no Brasil colonial, surgiram incontáveis vilas que subsistiram ao longo do tempo e muitas das quais tornaram-se grandes cidades, com economia própria, vida social própria, comércio, agricultura, artes e ofícios, capacidade de subsistência e de desenvolvimento.

Carlos Mendonça, sobre os E.U.A.: “desde o início da sua colonização e várias décadas depois da independência, suas cidades se conservaram em plano bem inferior ao apresentado pelas cidades brasileiras”.

A colonização inglesa foi negligente, ineficiente; não promoveu o desenvolvimento das colônias que depois se tornaram os atuais E.U.A, que prosperaram depois da sua independência, graças aos esforços posteriores à independência e não à própria colonização. A Inglaterra impôs-lhes proibição de desenvolvimento industrial, monopólio comercial completo, ausência de empreendimentos governamentais destinados a incrementar a condição de vida dos colonos.

Onde o português criava uma aldeia, a seguir, havia uma vila e hoje uma cidade.

Onde o inglês criava uma vila, a seguir, havia um cemitério ou ninguém. Os EUA desenvolveram-se após a independência da Inglaterra e não graças a ela.

José Verdasca e Antonio Netto Guerreiro: *O Brasil, durante o período colonial (1500 - 1808), foi, sempre – nos aspectos territorial, econômico, cultural e social – mais extenso, mais rico, mais instruído e mais desenvolvido, do que as 13 colônias inglesas, que fazem parte e deram origem aos Estados Unidos da América, 04/07/1776. (A Colonização Portuguesa no Brasil, de José Verdasca e Antonio Netto Guerreiro, 2015, p. 81).*

Enquanto a coroa portuguesa protegeu insistentemente os indígenas do Brasil, os ingleses e, depois, os norte-americanos, exterminaram sistematicamente os seus indígenas, de que é testemunho triste o famoso livro *Enterrem o meu coração na curva do rio*, de Dee Brown. Nos EUA houve carnificina de índios; no Brasil, houve algumas batalhas entre brancos e índios, violências insuladas, e incorporação generalizada dos índios na civilização luso-brasileira.

É fácil demais acusar o passado brasileiro como bode expiatório, mas é falso, histórica e antropológicamente, relacionar, em jeito de causa e efeito, os males presentes à nossa origem, mesmo porque houve, sim, no Brasil, períodos de riqueza, de honestidade, de elevação na política, de brilho nas letras.

Por que só os males seriam produto da colonização e não, também, os méritos dos brasileiros?

A quem interessa o discurso inculpador da colonização? A quem ele serve? Por que insistir-se em culpar-se os portugueses de 500 anos atrás?

Para desculpar-se, exculpar-se ou mitigar-se a culpa dos culpados atuais. A retórica da "corte corrupta", da emigração de condenados, de que "é assim desde o começo" alinha-se com o pensamento conformista e conformador, politicamente interessado em abrandar a censura moral que as pessoas imputam aos corruptos de hoje.

Desde que o Brasil independeu, tornou-se senhor de si próprio, para bem e para mal; corrigir males e remediar erros tornou-se atribuição dos brasileiros. Se os alegados males da herança colonial persistem, é porque os brasileiros não souberam estar à altura da liberdade em que vivem. Por isto, não se culpe a "herança colonial", como se o Brasil fosse colônia ou se houvesse independido a pouco. Um dos males de que o brasileiro carece de se livrar é o vezo de, como disse acima, culpar a outrem pelos males que ele não sabe ou não quer erradicar. É discurso que convém muito a quem ele serve de justificação e que os sub-informados repetem acriticamente.